

**COMO HUMANIZAR A QUEM ENSINA? A NECESSIDADE DE UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA HUMANIZADA PARA
O DOCENTE EM NOSSA CONTEMPORANEIDADE**

HOW TO HUMANIZE TEACHERS? THE NEED FOR A HUMANIZED ACADEMIC EDUCATION FOR THE TEACHER IN OUR
CONTEMPORANEITY

Dra. Alexandra Moreno Pinho

Faculdade Montessoriano (FAMA)

Universidade Católica de Salvador (UCSal)

Me. Melquíades Souza Amparo Neto

Faculdade de Ciências e Empreendedorismo (FACEMP)

RESUMO

De acordo com as mudanças de paradigmas que se fazem evidentes, nas escolas, ressaltam-se questões sobre a necessidade de uma formação acadêmica humanizada para o docente, visto que, ao longo da história da educação brasileira, os docentes foram formados através de uma ideologia marcada pelo autoritarismo, a qual se converteu em obstáculo no estabelecimento de uma relação dialógica entre professor/aluno. Destacamos a existência de autores que tentam resgatar a essência da ação de educar através de um ato humano, sendo que tal aspecto não é uma teoria desconhecida da nossa literatura. O presente artigo baseia-se em uma revisão integrativa realizada através de uma pesquisa bibliográfica de artigos e livros de autores, cujos discursos evidenciam a humanização da educação para contrapor a um paradigma tradicionalista, que historicamente, instaurou-se e se faz presente no Brasil desde o período colonial. O objetivo do estudo centra-se em analisar as evidências que apontam a desumanização na formação acadêmica do docente brasileiro que se contrastam com a necessidade de um processo humanizado diante das mudanças de paradigmas que se fazem presentes em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Formação acadêmica. Formação docente. Humanização da educação.

ABSTRACT

According to paradigm shifts that are evident in schools, questions about the need for a humanized academic education for teachers are highlighted, since, throughout the history of Brazilian education, teachers were formed through an ideology marked by authoritarianism, which became an obstacle in the establishment of a dialogical relationship between teacher and student. We highlight the existence of authors who try to rescue the essence of the action of educating through a human act, and this aspect is not an unknown theory of our literature. This paper is based on an integrative review carried out through a bibliographical research of papers and books by authors, whose discourses evidence the humanization of education to oppose a traditionalist paradigm, which is historically established and it is present in Brazil since the colonial period. This study aims to analyze the evidence that points out to the dehumanization in the academic education of Brazilian teachers that are contrasted with the need for a humanized process in the face of paradigm shifts that are present in our contemporaneity.

Keywords: Academic education. Teacher formation. Humanization of education.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças de paradigmas que se fazem presentes na contemporaneidade nos levam a rever a nossas maneiras de atuar, de ensinar e de pensar entorno da concepção de uma prática pedagógica favorável ao desenvolvimento humano.

Para Morin (2000), a educação precisa priorizar, essencialmente, o estudo da condição humana, diante da forma desintegrada do pensar e do fazer pedagógico, que dificulta a compreensão da complexidade inerente do homem, tornando-se impossível aprender o que significa ser humano. Desta forma, se faz necessário transformar a educação a ponto de que cada um, dentro da sua realidade, tome consciência de sua própria existência e identidade.

Freire (1987) afirma que reconhecer a existência da desumanização vai desde um aspecto ontológico a uma realidade histórica, trata-se de uma busca da própria existência humana, retratando a inconclusão consciente do homem. A luta pela humanização daquele que se encontra na condição do oprimido é válida quando este não se sente e nem se transforma em opressor, libertando a si mesmo e aos verdadeiros opressores.

A educação brasileira é marcada por um processo histórico que valoriza o autoritarismo, deixando evidente a ascensão do oprimido, que depois de realizar um curso de formação para ser docente, passa a assumir o papel do opressor. Esta dinâmica é evidenciada desde que o nosso sistema de ensino foi instaurado e que, em nossa atualidade, apresenta-se anacrônica frente aos ditames da educação do século XXI.

Os desafios contemporâneos exigem novas responsabilidades, reflexões e intervenções de práticas educativas que vislumbrem a participação consciente de professores e professoras que tenham como, um permanente, propósito as suas próprias humanizações e a humanização de alunos e futuros docentes.

Neste sentido, Morin (2000) e Freire (1987) dialogam entorno da análise e do entendimento da complexidade humana, na educação, ressaltando o processo de dar-se conta da própria descoberta de humanizar-se do professor no seu fazer pedagógico, através de uma escuta constante das demandas dos alunos explicitadas em suas trajetórias de desenvolvimento humano. De acordo com o engajamento e contribuição das obras dos referidos autores e outros estudiosos, apontamos a necessidade de discutir a humanização na formação do docente brasileiro, rever os aspectos estruturantes de tal processo que ao longo da história evidenciam um distanciamento do real sentido de uma educação que vai de encontro com as exigências emergentes atuais.

O presente trabalho utilizou como método a revisão integrativa, realizada através de uma pesquisa nas bases de dados Scielo, Lilacs e Pubmed, utilizando-se as palavras-chaves: formação, docente, humanização, história, educação. Em nossa busca, consideramos valiosos os estudos (livros e obras) de autores, cujos discursos evidenciam a humanização da educação para contrapor a um paradigma tradicionalista, gerador de posturas autoritárias, que historicamente se instaurou e se faz presente no Brasil desde o período colonial.

As etapas de uma revisão integrativa foram percorridas: estabelecimento de hipótese e objetivos da revisão integrativa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos e livros (seleção da amostra); definição das informações a serem extraídas do material selecionado; análise dos resultados; discussão e apresentação dos resultados; finalizando-se na apresentação da revisão (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

O objetivo do presente estudo centra-se em analisar as evidências que apontam a desumanização na formação do docente brasileiro que se contrastam com a necessidade de um processo humanizado diante das mudanças de paradigmas que se fazem presentes em nossa contemporaneidade.

Frente às nossas inquietações, constatamos que dentro da realidade brasileira foi criado um modelo educacional, fortemente, pautado no tradicionalismo e autoritarismo que se fazem presentes nos dias atuais e que se refletem na formação docente, porém, em nossa contemporaneidade, o paradigma vigente exige uma postura diferenciada que põe em voga a humanização das ações e do papel do professor nos espaços de aprendizagem.

A partir de tais argumentos formulou-se a questão central do presente estudo: de acordo com evidências históricas, os docentes brasileiros não foram e não estão sendo preparados para educar de forma humanizada? Como humanizar a quem ensina?

Consideramos relevante a abordagem da referida temática frente às mudanças educacionais e sociais que estamos vivenciando. Trazer à superfície uma análise de diferentes pontos de vistas, de diferentes autores, que evidenciam historicamente a ausência de humanização na formação dos docentes brasileiros, nos ajudará a rever nossas identidades, enquanto professores, frente às transformações que se concretizam no comportamento e na complexidade em ser humano no século XXI.

2 EVIDÊNCIAS DE UM CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DESUMANIZADOR

Ao visualizarmos um docente dentro de uma sala de aula, em pleno exercício de sua função, nos adentramos em um amplo terreno entorno da formação docente.

A prática educativa, as metodologias, os planejamentos, os recursos didáticos e as avaliações são aspectos que exigem uma análise de caráter indissociável, da teoria e da prática, que se refletem no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na sala de aula, no estabelecimento da relação professor/aluno e na construção do conhecimento.

Aranha (2006) nos recorda que a educação brasileira foi edificada sobre os pilares do autoritarismo, do patriarcalismo, do racismo, do liberalismo e de mecanismos para a manutenção de uma estratificação social que ressalta as inúmeras desigualdades existentes.

As tendências tradicionalistas e tecnicistas de ensino imperam devido aos argumentos liberalistas que regem à nossa sociedade e que visam à preparação de trabalhadores competitivos capazes de gerarem renda econômica e acúmulo de poder. Todos estes aspectos se fazem presentes em um conceito de educação de qualidade que, muitas vezes, fogem do contexto atual plasmado em novos comportamentos e em novos anseios.

A formação do docente brasileiro vem retratando, ao longo da nossa história, aspectos cruciais que se convertem em entraves e obstáculos para absorver as demandas das novas gerações relacionadas à postura do professor.

Segundo Luckesi (2005), de uma maneira geral, faz-se evidente, na atualidade, uma maior necessidade de escuta das demandas socioemocionais de crianças e adolescentes e uma compreensão de atitudes humanizadas de respeito às diferenças existentes dentro de uma sala de aula. São novos tempos que exigem a valorização de diferentes formas de resoluções de problemas e conflitos inerente de cada docente e de cada ser humano.

Freire (1999), ao defender uma práxis pedagógica dialógica, já ressaltava a importância da humanização na educação. No entanto levar tais conceitos à prática sempre foi algo utópico dentro da realidade da maioria das escolas brasileiras.

Seguindo tal linha de pensamento, Morin (2000) destaca que na atualidade há uma latente necessidade de formar seres humanos que possam visualizar projetos de vida, solucionar problemas e empreender ideias e conceitos que sejam absorvidos por grupos de pessoas de diferentes lugares do mundo que estejam conectados através das novas tecnologias de comunicação e informação.

Perrenoud (2000) afirma que existe uma necessidade, por parte dos professores, em contrabalancear suas atitudes com a rapidez dos recursos tecnológicos, considerando que os nossos alunos pedem mais sensibilidade, escuta, diálogo e compreensão referente a uma nova forma de pensar e agir.

Diante destas afirmações, ressalta-se que resgatar a essência da ação de educar, através de um ato humano e amoroso, não é uma teoria desconhecida da nossa literatura.

Tratando-se do perfil do docente brasileiro, Luckesi (2005) recorda que estamos mergulhados em um processo sócio, político e econômico burguês e tradicionalista que se cristalizou na pedagogia brasileira ao ponto de aperfeiçoar, com o passar do tempo, formas e mecanismo de controle que determinam aspectos emocionais e da personalidade dos nossos educandos.

A ganância em adquirir o status de ser o melhor e o medo latente das provas avaliativas são traços relevantes no estudante brasileiro, os quais sempre foram considerados normais e, muitas vezes, fomentados pelos docentes que foram formados com base neste pensamento.

Recordamos que Paulo Freire (1999), ao longo da sua trajetória como educador, incentivador e defensor de uma Pedagogia Libertadora, destaca que o oprimido que um dia passa a ser opressor não valoriza os alunos como produtores de cultura e saber. Tal fato tornou-se um vórtice contínuo que dominou a formação e a forma de educar do professor brasileiro.

Em nossa contemporaneidade os pressupostos de uma educação pautada na valorização da essência humana ganha força e coloca em relevância que os professores são profissionais que trabalham com pessoas, nas esferas sociais e pedagógicas, provenientes de diversas raças, culturas, religiões, orientações sexuais, que possuem diferentes histórias de vidas e que se originam de diferentes classes sociais. Pessoas com diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo e idades. Pessoas que apresentam necessidades, fome e sede de aprender e que devem continuar tendo e buscando respostas para que a vida tenha sentidos e significados.

Esse é um ponto fundamental para o exercício do magistério. O educador refaz o seu ato cognoscente na cognoscibilidade do educando e tal processo acontece através do diálogo, no qual o respeito pela palavra

do educando, é o ponto de partida para o desenvolvimento de um processo pedagógico humanizador. Neste processo, o educador também é transformado, libertado e humanizado.

Freire (1999) defendeu uma práxis pedagógica baseada na ação/reflexão/ação, na qual a teoria e a prática fomentam o saber proveniente de cada aluno que se faz presente na corporalidade, nas diferenças e na forma peculiar e significativa que cada pessoa tem de expressar suas ideias, emoções e concepções de vida. O olhar, a escuta e o real sentido da humildade de valorizar o outro, o conhecimento do outro, com respeito, com ética, de forma igualitária e despertando a autonomia, ao admitir que muito temos que aprender com o outro, são aspectos que dão o alicerce fundamental para que uma prática educativa e mais humanizada seja efetivada.

Segundo Freire (1998) para ser professor é fundamental gostar de gente e que em uma relação educativa e humanizada é fundamental gostar de gostar de outras pessoas e sentir-se bem ao lado delas. Para ensinar, é necessário estar disponível para o diálogo e querer bem aos educandos.

Em Rubem Alves (2004) vimos a importância do desejo de aprender e que todo aprendizado começa com uma experiência afetiva:

Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affetare*, quer dizer ir atrás. O “afeto” é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado (ALVES, 2004, p. 21).

Pacheco (2012) afirma que a escola é uma construção social e o currículo é a construção histórica que se reflete na ideologia e prática pedagógica. Neste contexto educar entende-se como aperfeiçoamento da área cognitiva do alunado, menosprezando as dimensões afetivas, emocionais e espirituais.

Ignorava-se que currículo não é apenas conteúdo, mas também múltiplas experiências proporcionadas ao aluno. Entre elas, a aprendizagem da autonomia. Então, adotemos o princípio kantiano, que nos diz que o objetivo principal da Educação é o de desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele seja capaz. Apresenta-se como imperativo ético que assumamos o desapego, sem o qual apenas fomentamos crônicas dependências naqueles com quem compartilhamos a existência. Fomentemos uma autonomia, que não é autossuficiência e solidão, mas algo que se exerce relativamente ao outro, com o outro, sem desistir do outro, embora, como diria Clarice Lispector, “aquel que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesmo”. (PACHECO, 2012, p. 16)

Antônio Nóvoa (2017) destaca que os saberes necessários para a formação identitária do professorado perpassa pelas dimensões do saber ser, do saber e do saber fazer. O saber ser trata da forma individual como o docente se apresenta na escola, das marcas pessoais que cada um deixa na sua forma de atuar. Sobre o saber, diz respeito à formação e ao conhecimento que o professor deve apresentar para concretizar a sua atuação como uma pessoa especializada na área de Educação. E o saber fazer se reflete nas habilidades do profissional dentro do contexto escolar em resolver problemas, conflitos e desempenhar as suas funções cotidianas.

Harari (2016) entra no presente dialogo através de uma visão histórica, filosófica e antropológica da humanidade na contemporaneidade, destacando a importância da valorização do algoritmo nas relações humanas e explica que, de acordo com os novos paradigmas, as pessoas serão avaliadas pelo modo em que resolvem problemas e enfrentam as adversidades. Neste caso, títulos e posições sociais não irão garantir o status de um profissional na sociedade.

Por outro lado, sabemos que, na trajetória histórica da educação brasileira, desde a organização do nosso sistema de ensino até os dias atuais, quanto mais títulos e cargos tenha um profissional, mais autoridade ele expressa no seu cotidiano, inclusive na sala de aula, sendo o motivo principal de impor respeito diante ao alunado. Atitudes, desta raiz, não mais serão valorizadas, e não sendo valorizadas, em um breve futuro ou, até mesmo, já acontece em nossa contemporaneidade, a figura do professor perde o respeito e o valor essencial dentro da relação professor/aluno.

Santos (2007) nos dá uma contribuição pertinente afirmando que a sensação do alunado de um não pertencimento do mundo acadêmico é o resultado de uma trajetória autoritária e não humanizada da educação, que obedece aos ditames do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. Em contrapartida a educação é libertadora; na sua essência, tanto o professor como os alunos são agentes transformadores da

sociedade; com isso, há uma necessidade latente de fazer valer esse processo dialógico através da pesquisa e da valorização do saber popular.

Demo (2001), refletindo sobre a pesquisa na educação, posiciona o professor como um agente da reconstrução do conhecimento; é aquele que investiga constantemente para garantir qualidade no seu processo educativo. Segundo em direção, a esfera política/pedagógica, o docente acima de tudo é aquele que é uma referência para o estudante na construção do seu conceito de cidadania.

O docente, dentro do espaço educativo, assume o desafio de construir e reconstruir o conhecimento a cada dia e, também, é responsável pela humanização na educação.

A formação docente deve ir além da capacitação técnica do profissional para que este tenha o domínio do conteúdo na sala de aula. Um processo de ensino e aprendizagem eficaz e efetivo fomenta a pesquisa, tanto no professor como no aluno, com isso ambos juntos aprendem a pensar e a compartilhar o conhecimento adquirido. Um processo de pesquisa que apenas ressalta o rigor científico é um obstáculo para a aprendizagem.

Hoje, o ato de pesquisar exige interdisciplinaridade tanto no sentido analítico e sistemático do rigor científico como na implicação humana das pessoas que estão envolvidas no processo (DEMO, 2001).

Perrenoud (2000) pontua que, dentre as novas competências profissionais para ensinar, encontra-se saber administrar a sua formação continuada para que o professor possa compreender melhor o ritmo do desenvolvimento do aluno, sua lógica, suas necessidades, seus comportamentos e seus direitos.

No cenário contemporâneo em que vivenciamos, o docente enfrenta, dentro da sala de aula, diversos desafios comportamentais como bullying, agressividade, violência, falta de respeito, comportamentos descontrolados, a ausência do apoio familiar que se reflete nas atitudes dos alunos. Com a invasão do potencial tecnológico, revelam-se possibilidades e habilidades mais atrativas que os recursos didáticos tradicionais oferecem. Frente a estes aspectos, o universo pessoal e humano do profissional fica vulnerável diante ao comportamento do alunado que aponta demandas que antes não existiam.

O docente, por sua vez, necessita repensar suas formas de ensinar, rever conceitos, recordar o que já foi dito sobre educar com base no respeito ao outro e com empatia e, assim, empreender um processo de autoconhecimento para obter ferramentas e se adaptar aos novos paradigmas.

Edgar Morin (2003) acredita que a nossa cultura conseguirá instruir os humanos sabiamente no momento em que houver uma nova forma de pensar na racionalização e objetivação supervalorizada pela tecno científicidade. Em sua concepção, o que ainda resta de positivo é a esperança do rejuntamento do conhecimento fragmentado. Para ele, é importante que surjam novas metodologias pedagógicas capazes de valorizarem e dar espaço para a subjetividade e autonomia principalmente a que se comprometa com uma boa construção do conhecimento humano. Portanto, quanto menos essa perspectiva pedagógica for assumida, mais nos empobreceremos intelectualmente.

Percebe-se que não adianta um professor apropriar-se das ferramentas tecnológicas, no processo de ensino aprendizagem desenvolvido, adotando exigências arbitrárias, proveniente do tradicionalismo autoritário. Ao adotar novas estratégias, o profissional deve adaptar-se a uma nova forma de pensar e fazer educação que, apesar do distanciamento que impõe o aparato tecnológico, o professor possa fazer-se presente junto ao aluno. E para isso, é necessário autoconhecer-se, expressar tal feito e, assim, conhecer e relacionar-se com o outro.

Ao verificar as intenções de Morin (2003), vimos que a sua idealização do ser humano e em suas reflexões se destaca o foco na questão do desenvolvimento humano, com isso nota-se a existência de um grande desafio. Em contrapartida ao investigar seus propósitos para entender a realidade humana, possilita, de maneira ímpar, uma reflexão valiosa acerca de nós mesmos, a ponto de percebermos qual é a nossa participação no universo sociocultural e quais vertentes podemos passar a apreciar.

Segundo Morin (2008), o homem é vítima de uma consequência científica detentora de conhecimento que fragmenta o saber erroneamente e apresenta-o à humanidade de maneira dispersa e fragmentada de tal modo que descarta algumas questões humanitárias de suma importância.

O ser humano não vive só de racionalidade e de instrumentos; gasta-se, dá-se, entrega-se nas danças, transes, mitos, magias, ritos; crê nas virtudes do sacrifício; viveu o suficiente para preparar a sua outra vida, além da morte... As atividades do jogo, de festa, de rito, não são simples distrações para se recuperar com vistas à vida prática ou do trabalho; as crenças em deuses e nas ideias não podem ser reduzidas a ilusões ou superstições; têm raízes que mergulham nas profundezas humanas. Há relação manifesta ou subterrânea entre o

psiquismo, a afetividade, a magia, o imaginário, o mito, a religião, o jogo, a despesa, a estética, a poesia; é o paradoxo da riqueza, da prodigalidade, da infelicidade, da felicidade do *homo sapiens-demens* (MORIN, 2008 p. 141).

Numa perspectiva simplificadora e fragmentária, considerando o homem como ser aprendente, ele como educando/aluno, tem sido estimulado apenas a reconhecer algumas de suas dimensões. Contudo, a partir dos caracteres apresentados por Morin (2008), a meta de desenvolvimento harmonioso e simultâneo das múltiplas dimensões pode orientar a compreensão e a prática em que este se compreenda, ou seja, compreendido sob o prisma de um conceito mais integral. "Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana" (2000, p. 61), considerando, assim, a noção de sujeito.

Morin (2000) considera sete saberes como fundamentais com os quais toda cultura e toda sociedade deveriam trabalhar, segundo suas especificidades: as Cegueiras Paradigmáticas; o Conhecimento Pertinente; o Ensino da Condição Humana; o Ensino das Incertezas; a Identidade Terrena; o Ensino da Compreensão Humana e a Ética do Gênero Humano. Esses saberes são indispensáveis frente à racionalidade dos paradigmas dominantes que deixam de lado questões importantes para uma visão abrangente da realidade. Para o autor, é impressionante como a educação, que visa transmitir conhecimentos, seja cega em relação ao conhecimento humano. Ao invés de promover o conhecimento para a compreensão da totalidade, fragmenta-o, impedindo que o todo e as partes se comuniquem numa visão de conjunto.

Por outro lado, o destino planetário do gênero humano é ignorado pela educação. A educação precisa ao mesmo tempo trabalhar a unidade da espécie humana de forma integrada com a ideia de diversidade. O princípio da unidade/diversidade deve estar presente em todas as esferas.

Petraglia (2011) destaca a necessidade de situar o saber que se encontra parcelado, mutilado e disperso nos processos formativos das escolas, sendo que este saber é uma herança do século XIX que ambicionava o desenvolvimento técnico e científico, em que a especialização era valorizada como o único caminho para o desenvolvimento, em prejuízo da unidade e da complexidade humana.

Todas essas consequências são resultados das experiências educacionais anteriores, têm reflexo na atualidade e na educação, sob diferentes formas, manifestações que permeiam, sucessivamente, o currículo das escolas.

As crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre; sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso, também, recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização. (MORIN, 2000, Apud PETRAGLIA, 2011, p. 78).

O conhecimento está espontaneamente atrelado à vida, e faz parte da existência da vida e está presente nas ações biológicas, cerebrais, espirituais, culturais, linguísticas, sociais, políticas e históricas, e assim o indivíduo condiciona o conhecer, que ao mesmo tempo está condicionado ao ser. (PETRAGLIA, 2011).

Evidencia-se que o desenvolvimento do processo escolar é de responsabilidade de seres humanos que, também, foram formados na concepção do saber fragmentado, que dificulta a compreensão sensível da complexidade humana e que fomenta a desumanização das relações existentes dentro do próprio espaço escolar.

É preciso que os membros da instituição escolar se reconheçam como seres humanos complexos. Para Morin (2000), tal reconhecimento significa a autoafirmação e o autoconhecimento de cada indivíduo, colocando-os também a serviço da construção de sua própria identidade. Desta forma, todo conhecimento engloba propriedades individuais, existenciais e subjetivas, além das práticas norteadas pela razão, porque ao se tratar de experiências e ações humanas, não se pode dissociá-las da emoção, considerando, também, a paixão, a dor e o prazer.

No entanto, o autor adverte para que haja cautela:

[...] que em nome do infinito desejo de conhecimento e no prazer imperativo da verdade não se percam as preocupações com a ética, consigo mesmo e com o outro. Dito de outra maneira

é certo que a subjetividade humana está presente também no conhecimento objetivo, mas é fundamental que o sujeito não se utilize desta subjetividade para manipular as coisas ou pessoas que se encontram a sua volta. (MORIN, 2000, *apud* PETRAGLIA, 2011, p. 130).

Nesse sentido, tanto os educadores como a escola, enquanto estrutura organizacional educativa, podem atentar para o fato de que a construção da identidade da escola está ligada, primeiramente, pela construção individual da identidade de seus membros, que são sujeitos desse processo, como também do processo do conhecimento que nessa escola se desenvolve. Com isso, torna-se evidente que a formação docente não escapa a esta lógica, pois um professor é o reflexo do ambiente em que esteve inserido durante o seu processo de aprendizagem.

2.1 COMO HUMANIZAR A QUEM ENSINA?

De acordo com os diferentes estudos abordados entorno de argumentos históricos e aspectos pedagógicos e filosóficos da formação da identidade do professor brasileiro, evidencia-se que estes não foram e não estão sendo preparados para educar de forma humanizada devido a uma cultura tradicionalista presente na raiz de um fazer educação de forma autoritária.

Ao realizarmos um levantamento dos aspectos históricos da educação e do desenvolvimento humano (HARARI, 2017; MORIN, 2003; FREIRE, 1987; SANTOS, 2007; LUCKESI, 2005), constatamos que o homem foi integral enquanto ser ancestral devido às condições que o meio oferecia e a sua luta constante por aprimorar-se alcançando a forma de homo sapiens, foi fragmentado devido ao conhecimento produzido e adquirido. Agora, esse mesmo homem, em seu processo inconcluso de desenvolvimento, volta a buscar a sua integridade da sua essência de ser humano, considerando as necessidades contemporâneas.

Concordamos com Morin (2003), que, utilizando o pensamento de Marx ao se referir à educação, ressalta o interrogante: quem educará os educadores? O próprio autor esclarece que ao observar certos educadores, ainda que de maneira solitária, acredita que possam iniciar um movimento de reforma do pensamento. E é em prol dessa meta que os educadores devem colocar-se a serviço.

Reconhecemos que há professores e educadores que se encontram estagnados na subserviência e no embrutecimento devido a uma herança tradicional, desumana e autoritária que está registrada e evidenciada na história da educação brasileira (LUCKESI, 2005).

De acordo com a evolução da humanidade e com as exigências de novos modelos, novos paradigmas, de novas posturas e novos fazeres pedagógicos, acredita-se na superação desses aspectos que se constituem em entraves do processo de humanização na formação docente.

Compete aos professores iniciar a reforma do pensamento, que se inicia a partir do simplista e linear para o complexo (MORIN, 2003).

No entanto, sabemos que essa transformação não irá ocorrer de maneira rígida ou ortodoxa, mas que se faz necessária e imediata em nossa contemporaneidade. Esta transformação deve ir de encontro aos ideais de humanização da educação, deve considerar não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas, também, as dimensões afetivas, emocionais e espirituais (PACHECO, 2012).

O professor, individualmente, necessita buscar a formação necessária para tal prática renovadora e cultivando-a sempre. Para tanto, o educador deve ser um autodidata, a partir do que se denomina de novo tipo de ciência, ciências da terra e cosmologia. Tal processo é contagiante. Embora as ideias fiquem bloqueadas certas vezes por muito tempo, mas chegará o dia onde elas explodirão e ecoarão. Por este motivo, não se deve desanimar (MORIN, 2003).

Toda essa busca irá se refletir nos seus saberes, no seu ser e no seu fazer pedagógico (NOVOA, 2017)

Em nossa análise, evidencia-se que a pessoa que ensina será humanizada por ela mesma na medida em que tome consciência de sua própria complexidade humana, através do seu autoconhecimento e do reconhecimento do seu potencial de transformação individual e social, assim como nos ensinou Freire (1987) quando afirma que a verdadeira educação acontece no estabelecimento de um ato amoroso, sendo este caracterizado pelo respeito e escuta de um ser humano para com outro ser humano.

Evidencia-se que os educadores brasileiros precisam começar o processo de reforma do pensamento, deixando para trás atitudes tradicionalistas e autoritárias, provenientes de um processo civilizatório baseado no capitalismo, no colonialismo e no patriarcado (SANTOS, 2007). Em contrapartida, estes necessitam abraçar novos conceitos, adaptar-se a novas formas de relacionamentos dentro e fora da sala de aula, já que o ensinar

e o aprender acontece em diferentes espaços de convivência e inclusive no espaço virtual que é um aspecto crucial na atualidade.

A educação que valoriza a ação do pensar conduz o indivíduo para a introspecção, para a compreensão de si enquanto ser humano em sua totalidade, em conjunto com o outro e com os demais seres humanos. Sendo este pensar que irá evidenciar no próprio docente a necessidade de situa-se na história da educação vigente e ser um agente transformador na formação de outros docentes.

Em nossa contemporaneidade, a persistência torna-se valiosa, assim como, dedicação e amorosidade para fazer frente a uma forma de educar desumana que foi instaurada em nossa sociedade e que, no presente momento histórico, se encontra diante das exigências de transformações profundas que tem como base a humanização em nossos ambientes escolares. Tais esforços irão começara a movimentar diferentes aspectos na formação dos futuros docentes do século XXI.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado do presente estudo evidencia, através de uma análise de aspectos históricos e filosóficos, a necessidade de mudança, nos padrões formativos do docente, desta geração que está formando a nova geração, que não foi preparado em termos de vivência prática, para lhe dar com aspectos cruciais que fundamentam exigidos na atualidade.

Humanização, empatia, afeto, emoção, espiritualidade, algoritmo, integralidade do ser e interdisciplinaridade são temas necessários para a educação de jovens, crianças e adultos que se encontram em nossas salas de aulas.

Para humanizar a quem ensina, faz-se necessário que os professores valorizem, no seu cotidiano profissional, não só os aspectos cognitivos, mas também os aspectos pessoais, afetivos e emocionais de crianças, adolescentes e adultos. Com isso, coloca-se em relevância a importância da formação continuada, da pesquisa e de um olhar voltado para o seu autoconhecimento, no sentido de revisar, em seus processos de formação, questões que necessitam adaptar-se aos novos tempos e aprender a prender no convívio com os alunos.

Evidenciou-se que a contemporaneidade traz em seu seio traços que caracterizam as fragmentações estruturais das esferas do conhecimento unidimensional. Diante das constatações que abarcam a falta de um diálogo pertinente sobre este aspecto, emergem novas tentativas que visam ligar os diversos tipos de saberes, de maneira especial, os que são impostos pela superespecialização científica e tecnológica. Esses, ao mesmo tempo em que caracterizam o eficaz desenvolvimento da humanidade, remetem a mesma a uma crise de futuro e tornam o presente angustiante e infeliz.

Tais saberes, em solitários, ao invés de garantir expectativas de melhorias criam apenas a possibilidade de manipulação. Com isso, a pessoa humana já não precisa mais adquirir nenhum padrão ético-moral, causando o seu total empobrecimento.

Desta forma, evidenciou-se que o ser humano, por meio da educação, seja capaz de reformular seu pensamento e refletir-se de forma consciente para compreender-se enquanto ser terrestre e habitante de um todo planetário, onde há uma complexidade a qual lhe permita conjecturar a necessidade e a urgência de solidarizar-se com outros seres humanos e com o universo.

A construção do conhecimento integra as partes e o todo. Reunir o que está disperso constitui um desafio para o intelecto humano. Desde a filosofia dos pensadores pré-socráticos, Heráclito (BORNHEIM, 1999) já dizia que o ato de pensar reúne tudo. Por um longo tempo, o pensamento fragmentou ou separou os saberes, mas, agora, através dele é preciso religar o conhecimento e formar professores capazes de ensinar e humanizar.

Uma formação docente e de qualidade, que vislumbra preparar o profissional para atuar de forma consciente de acordo com os novos paradigmas, deve ser pautada no diálogo, na escuta, no respeito, na criatividade, na sensibilidade e no incentivo à pesquisa.

Acreditamos que são essas as bases para humanizar a quem ensina e para superar a herança autoritária existente na educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **História da Educação e da Pedagogia**. Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

BORNHEIM, G. (org.). **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOTELHO, L.; CUNHA, C.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, maio/ago. 2011.

COOPER, H. M. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. **Review of Educational Research**, v. 52, n. 2, p. 291-302, 1981.

DEMO, P. **Professor/Conhecimento**. Brasília: UNB, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

NOVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão como docente. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, n. 166, out./dez. 2017.

HARARI, Y. **Homo Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e criando a prática. 2. ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MORIN, E. **O método 5**. A humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PACHECO, J. **Dicionário de valores**. São Paulo: Edições SM, 2012.

PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar**. São Paulo: Artmed, 2000.

PETRAGLIA, I. C. **Edgar Morin**: A educação e a complexidade do ser e do saber. 13. ed. Petrópolis, RJ: 2011.

SANTOS, B. S. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Alexandra Moreno Pinho

Graduada em Pedagogia. Especialista em: Educação, Identidade e Pluralidade Cultural (UFBA); Movimentos Sociais e educação (UFBA); Educação, Identidade e Pluralidade Cultural (UFBA); Comunicação e Crítica Cultural (UFBA). Mestre em Mediación corporal: Psicomotricidad pela Universidad de Barcelona, UB, Espanha. Doutora em Calidad Educativa para un Mundo Plural pela Universidad de Barcelona, UB, Espanha.

Contato: edpsicomotriu@gmail.com

Melquíades Souza Amparo Neto

Graduado em Filosofia e Pedagogia. Especialista em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional (FSBA). Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social pela Fundação Visconde de Cairu, FVC, Brasil.

Contato: neto_amparo@hotmail.com